

UMA VISÃO DO LESTE: AUTORITARISMO E CONSERVADORISMO NA UCRÂNIA E NA RÚSSIA – ENTREVISTA COM ANDREAS UMLAND¹

A VIEW OF THE EAST: AUTHORITARIANISM AND CONSERVATIVES IN UKRAINE AND RUSSIA – AN INTERVIEW WITH ANDREAS UMLAND

Vinícius LIEBEL²
Odilon CALDEIRA NETO³

O ano de 2013 foi um ano atípico no cenário global, especialmente para Brasil e Ucrânia. Em terras tupiniquins, as Jornadas de Junho demarcaram um novo momento no cenário político nacional, evidenciando uma ruptura e uma polarização que culminaram em uma profunda crise política, marcada pela ação constante da mídia e sua cobertura das investigações dos casos de corrupção no país, uma conspiração parlamentar e o impedimento de Dilma Rousseff. Na Ucrânia, o presidente Viktor Yanukovich suspende as negociações pela entrada do país na União Europeia e desencadeia uma série de protestos de seus opositores, sendo obrigado a se exilar na Rússia. Conflitos passam a ser registrados em quase todo o país, mas em especial nas regiões fortemente marcadas pela emigração russa, onde a maioria da população apoia o fim das negociações com a EU e defende a intervenção do país vizinho. Como desdobramento, a Crimeia é anexada pela Rússia e vários focos de hostilidade são registrados ainda hoje, mesmo após a assinatura de um pacto pelo cessar-fogo entre as principais forças insurgentes em setembro de 2014.

Diferentes causas e diferentes enredos, desfechos distantes. Para além da agitação política, pouco parece ligar os casos brasileiro e ucraniano. Entretanto, um elemento pode

¹ Tradução de Vinícius Liebel

² Historiador, doutor em Ciência Política pela Freie Universität Berlin (FU-Berlin) e pós-doutorado em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Colaborador do PPG-História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e bolsista Capes-PNPD na mesma instituição. (orcid.org/0000-0002-3188-6567).

³ Historiador, doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Professor Substituto do Departamento de História da Universidade Federal de Rio Grande (FURG).

ser apontado como determinante em ambos: o papel central que ideologias conservadoras, imagens e memórias de regimes autoritários passados e partidos, personalidades e organizações de direita tiveram na escalada da violência. Não se pretende aqui, claro, estipular qualquer paralelo direto entre Brasil e Ucrânia, mas sim demonstrar que os estudos sobre o Autoritarismo e o Conservadorismo, ainda que em contextos bastante distintos, podem ajudar a lançar luzes sobre pesquisas paralelas, em História do Brasil.

Procurando trazer uma contribuição relevante ao campo historiográfico brasileiro, fugindo dos lugares-comuns e das retroalimentações tão presentes em nossa Academia, apresenta-se a seguir uma entrevista com um pesquisador de extrema relevância no exterior no que tange os estudos da extrema-direita e do conservadorismo. Andreas Umland, professor e pesquisador associado do Instituto para a Cooperação Euro-Asiática de Kiev, dedica-se à pesquisa sobre a extrema-direita, tanto ucraniana quanto russa, há quase vinte anos. Com uma trajetória invejável, Umland passou por universidades de reconhecida excelência, como a Universidade de Leipzig, a Universidade Livre de Berlim, Universidade de Cambridge, Universidade Católica de Eichstaett-Ingolstadt e a Universidade de Oxford. O destaque acadêmico que suas pesquisas têm lhe garantido transcendem as fronteiras da Ucrânia, garantindo a ele reconhecimento internacional em temas como fascismos, nacionalismos e ultranacionalismos, extrema-direita e partidos conservadores e conservadores revolucionários. A entrevista a seguir detalha aspectos interessantes de sua carreira, além de trazer apontamentos importantes sobre a construção do objeto histórico-político, reflexões sobre o tema da memória e da história das sociedades pós-soviéticas, além de apresentar detalhes de seu principal tema de pesquisa na atualidade: Alexandr Dugin e a Direita Radical na Rússia contemporânea.

A entrevista, é claro, apresenta aspectos distintos de seu trabalho e não comporta, em seu pouco espaço, a profundidade das reflexões de Umland. Por isso, convidamos os leitores a conhecer melhor o seu trabalho também através das dezenas de artigos e dissertações disponibilizados por ele em sua página no Academia.eduⁱ. Abaixo, uma pequena introdução a sua obra gerada pela conversa com os entrevistadores.

Boa leitura!

Caro professor Umland, primeiramente, gostaríamos de agradecê-lo por dispensar seu tempo para responder estas perguntas, é uma honra para nós poder falar com o senhor.

A primeira pergunta que gostaríamos de fazer, mais geral e aberta, é como o senhor chegou aos estudos dos movimentos de extrema direita, em particular a direita na Ucrânia e na Rússia?

Eu me interessei pela pesquisa comparativa da extrema direita (*vergleichende Rechtsextremismusforschung*) através das análises do nacionalismo radical russo, ainda no início de meus estudos universitários, com 22 anos (depois do serviço militar obrigatório na República Democrática Alemã e um estágio na área de Jornalismo), em 1989, na Universidade de Leipzig. Meus interesses iniciais eram a Perestroika que Gorbachev iniciava na União Soviética (onde eu tinha parentes), o Stalinismo (Ulamⁱⁱ, Tuckerⁱⁱⁱ, Cohen^{iv} etc.) e as mudanças que aconteciam ao meu redor, na Alemanha Oriental, naquele ano fatídico. Como e por que eu fiquei rapidamente fascinado pelos relatórios e relatos que se acumulavam sobre a ascensão de grupos ultranacionalistas, como o *Pamiat'* (do russo, Memória, não devendo ser confundido com Memorial), nos últimos anos da União Soviética, eu não saberia dizer. Sendo alemão, lendo sobre história e política, vivendo a alguns quilômetros de Weimar/Buchenwald, não foi difícil me interessar em estudar o fascismo. Em contraste, meu interesse pela direita radical ucraniana veio muito mais tarde, no final dos anos 2000. Foi o resultado de meu interesse geral na extrema direita, conjugado com o início da ascensão do partido *Svoboda*, em 2009. Eu tenho vivido na Ucrânia, com breves intervalos, desde 2002.

Inicialmente, a mais profunda influência sobre meus primeiros estudos acerca do ultranacionalismo russo foram os livros proféticos – como se verificou mais tarde – do analista político russo emigrado Alexander Yanov (City University of New York), como *The Russian New Right* (1978) e *The Russian Challenge and the Year 2000* (1987).

Nesses livros, em parte futuroológicos, Yanov prevê, com uma precisão impressionante, o que aconteceria com o discurso político russo depois do declínio da ideologia comunista e do modelo soviético. De alguma forma ele até mesmo conseguiu apontar o ano 2000, ainda na década de 1980, como um divisor de águas: nesse ano, Putin, que recentemente abraçou o nacionalismo russo antiocidental ao máximo – tornou-se presidente da Rússia.

Além do também importante livro de Yanov, *Weimar Russia* (1995), passei a ler extensivamente as obras de John B. Dunlop^v (que se tornaria mais tarde meu mentor na Universidade de Stanford) e outros autores ocidentais que escreviam sobre o nacionalismo russo (Laqueur^{vi}, Walicki^{vii}, Riasanovsky^{viii}, Hammer^{ix}, Brudny^x, Parland^{xi}, etc.). Durante minhas frequentes visitas a Moscou na década de 1990, tornei-me amigo de pesquisadores líderes na pesquisa do Ultracionalismo russo nos últimos anos da URSS e pós-soviético: Vladimir Pribylovskii^{xii} (1956-2016), Valerii Solovei^{xiii}, Aleksandr Verkhovskii^{xiv}, Viacheslav Likhachev^{xv}, Aleksandr Galkin^{xvi}, Nikolai Mitrokhin^{xvii} e, um pouco mais tarde, Galina Kozhevnikova^{xviii} (1974-2011), cujos muitos e excelentes estudos empíricos me foram formativos. Mais tarde, meu próprio pensamento sobre o nacionalismo russo, em particular em sua variedade “eurasiana”, foi crucialmente moldado por Leonid Luks^{xix} (que veio a se tornar meu mentor mais tarde em Eichstaett) e Marlene Laruelle^{xx} (amiga de longa data).

Em 1994 tive o privilégio de conhecer, em minha opinião, o mais importante teórico do Fascismo no mundo, Roger D. Griffin^{xxi}, na Universidade de Oxford Brookes. Na ocasião eu fazia minha primeira pós-graduação sobre a Rússia com, entre outros, Archie Brown^{xxii}, Alex Pravda^{xxiii} e Harold Shukman^{xxiv} (1931-2012), no St. Antony's College, em Oxford (onde eu mais tarde viria a lecionar), bem como começava a escrever minha tese de doutoramento sobre a ascensão de Vladimir Zhirinovskiy e seu assim chamado Partido Liberal-democrata da Rússia. Ideias excepcionalmente profundas de Griffin sobre a conceituação, fontes e dinâmica do Fascismo, bem como sobre a natureza da política ideologicamente guiada em geral, causaram-me uma profunda impressão. Voltando por um ano para a Universidade Livre de Berlim, em 1994-1995, antes de iniciar meu segundo doutorado na Universidade de Cambridge, tive a sorte de conhecer

Wolfgang Wippermann^{xxv} e, mais tarde, Michael Minkenberg^{xxvi}, cujos escritos sobre o Fascismo e o extremismo de direita eu pude resenhar em várias línguas.

Sendo a extrema direita um assunto envolto em violência de vários tipos, seu trabalho de historiador e politólogo encontrou muitas dificuldades?

Zhirinovskii, até onde eu sei, nunca reagiu aos textos que publiquei em várias línguas, incluindo em russo na Rússia, desde a minha primeira tese em História sobre o LDPR em Berlim (UMLAND, 1997)^{xxvii}. Em contraste, o notório Aleksandr Dugin e sua União Euroasiática da Juventude responderam bruscamente aos artigos russos que resultaram do meu segundo doutorado em Ciência Política na Universidade de Cambridge (UMLAND, 2007)^{xxviii}. Desde 2006, Dugin e a EUY publicaram uma dúzia de artigos sobre mim só em seu site principal Evrazia.org^{xxix}, fazendo todo tipo de acusações que culminaram em um artigo de 2008, com a calúnia de que eu teria sido "demitido de Stanford, Harvard e Oxford por assédio homossexual de colegas"^{xxx}.

Em 2009 eles continuaram essa linha de ataques em um site menos obviamente ligado a Dugin, dessa vez alegando que eu sou um pedófilo e comerciante de pornografia infantil procurado. Eu reagi a esta difamação, tanto em inglês quanto em russo, em uma série de websites, incluindo alguns amplamente lidos como "Open Democracy" e "Ukrainska Pravda". Nesses e em outros lugares eu evidencio a conexão parcamente escondida do site que primeiro publicou a falsa denúncia com Dugin, e aponto as contradições existentes nesse pseudorelatório. Mesmo assim, desde 2009 essa difamação foi repetida em dezenas de outros veículos russos da extrema direita e/ou pró-Putin, incluindo alguns jornais de grande circulação, como "Komsomolskaia Pravda" e o "Sovershenno sekretno".

Mais tarde, porém, o maior jornal de extrema-direita da Rússia, o "Zavtra", admitiu no artigo "Doctor Umland é um pedófilo?"^{xxxi} que eu sou, talvez, não molestador de crianças no sentido literal, mas sim um "pedófilo metafísico", seduzindo ucranianos e russos para seguir o caminho ocidental. O autor "do Zavtra" concluiu seu texto argumentando que "Umland é uma manifestação não só da União Europeia, mas dessa

eterna e sedutora metafísica ocidental que, durante séculos, com diferentes métodos, comprou as almas dos fracos e os transformou em suas tropas - as tropas dos liberais, as tropas dos ocidentalizantes. Umland é nosso Mephistopheles".^{xxxii}

É inegável que a Ucrânia e a Rússia compartilham um passado, mas é também inegável que as leituras e apropriações desse passado são completamente diferentes. A memória da “Grande Guerra Patriótica”, por exemplo, precisa conviver com as grandes fomes (Holodomor) ou os expurgos stalinistas, isso para nos atermos nos anos 30 e 40. Nessa batalha das memórias, como podemos compreender uma Ucrânia dividida entre o canto de sereia da União Europeia, capitaneada pela Alemanha, por um lado, e a Rússia, de outro? E entre a extrema-direita, em especial a ultranacionalista e etnonacionalista, qual a função dessas narrativas no embate entre o peso do passado e suas ambições presentes?

Memória histórica e reconciliação nacional são questões delicadas - especialmente quando dizem respeito a grandes guerras, assassinatos em massa e sofrimento de milhões no passado recente. A memória da história soviética da Ucrânia está principalmente preocupada com o enorme número de vítimas dos domínios e das guerras entre bolcheviques e nazistas na Ucrânia. Milhões de ucranianos que viviam nas *Bloodlands* (Timothy Snyder, 2010) foram mortos e aterrorizados pelos dois regimes totalitários mais assassinos da Europa. Ao mesmo tempo, dezenas de milhares de ucranianos colaboraram de uma forma ou de outra com os dois - um desafio considerável para as políticas de memória ucranianas.

Esse assustador teste intelectual, cognitivo e emocional é agravado pelo fato de que Kiev está lutando uma guerra de sobrevivência com o principal protagonista negativo de sua memória nacional - Moscou. Muitas vezes demasiadamente ambiciosa, cínica e cruel, a política externa do Kremlin recentemente voltou a ser impulsionada pelo imperialismo agressivo e por uma flagrante *Ukrainophobia*. Isto fica ainda mais complicado pelo fato de que a Ucrânia tem uma minoria étnica russa considerável - aproximadamente 17% de sua população, parcialmente leais a Moscou em vez de Kiev. A

manipulação proposital de temas de memória nacional e de relações interétnicas é parte integrante da chamada guerra híbrida da Rússia contra Kiev. O ataque do Kremlin sobre a nação ucraniana é executado com uma infinidade de instrumentos militares e não-militares, de *hard-* e de *soft-power*, em uma base diária. Ele explora ativamente questões históricas controversas, e tem como objetivo destruir o Estado ucraniano de dentro, e não de fora.

Esta constelação já peculiar é ainda mais excepcional quando levamos em conta as repercussões profundas que as políticas de memória ucranianas têm para suas relações internacionais. Isto diz respeito especialmente à interpretação, avaliação e memorialização da infame facção Bandera da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN-B), do período do entreguerras e da Segunda Guerra Mundial. Atualmente favorecida pela classe dominante e grande parte da elite intelectual da Ucrânia, a classificação oficialmente afirmativa da OUN é profundamente controversa entre os cidadãos russófonos e parceiros estrangeiros da Ucrânia. A OUN era ao mesmo tempo antidemocrática e liberacionista (de certa forma). Seus líderes eram extremamente etnocêntricos e xenófobos, mas muitos deles dedicaram suas vidas e as vidas de suas famílias à luta pela independência ucraniana.

Alguns nacionalistas ucranianos – incluindo pelo menos um irmão de Stepan Bandera – foram perseguidos pelos nazistas, mas a maioria morreu enquanto lutava contra o regime de Stalin. Ambos, o fundador da OUN e líder mais cultuado do OUN, foram mortos por agentes especiais soviéticos no Ocidente: Yevhen Konovalets foi assassinado por um agente NKVD em Roterdã, em 1938, e Stepan Bandera foi morto por um agente da KGB em Munique, em 1959. Embora as questões de memória nacional possam ser espinhosas também em outros países, elas têm uma capacidade de divisão interna e de explosão internacional que é bastante rara – e, para o Estado ucraniano, uma combinação particularmente tóxica.

Seria necessário muito espaço para delinear aqui as interações complexas entre as cenas de extrema direita russa e ucraniana, por um lado, e as autoridades de Moscou e de Kiev, por outro – bem como a recepção das suas políticas e reações a elas pelo Ocidente. Por conta das muitas ambivalências da história e da memória da Segunda Guerra Mundial

na Rússia e na Ucrânia, bem como as inúmeras meias-verdades que flutuam ao redor, essas questões são notoriamente difíceis de discutir de forma produtiva.

Pensando agora o outro lado, da Rússia, de que modo uma tradição histórica (ou noção de um substrato imutável) é utilizada como fio condutor do Czarismo, passando pelo período soviético, até a política russa atual? Como isso auxilia a explicar o processo de anexação da Crimeia?

O fenômeno recente do nacionalismo russo incorporando uma interpretação positiva do período socialista soviético em seu discurso histórico não é propriamente novo. Já havia, por exemplo, um retorno ao nacionalismo russocêntrico, bem como ao tradicionalismo em políticas de gênero e de família sob Stalin na década de 1930, ou um flerte, breve, mas intenso, da liderança soviética com os nazistas em 1939-1940. Houve muitas variedades internacionais do marxismo que se transformaram em variadas formas de nacionalismo populista, às vezes em ultranacionalismo. Antes do Stalinismo, os dois exemplos mais proeminentes para esse tipo de desenvolvimento foram o surgimento das teorias sociais radicais de Georges Sorel e a evolução do pensamento político de Benito Mussolini. Outras variedades de Protofascismo e de Fascismo italianos e franceses tiveram suas raízes no esquerdismo do final do século XIX e início do século XX. O cientista político de Berkeley, A. James Gregor, construiu uma teoria abrangente do Fascismo internacional em torno dessas transmutações, argumentando que o Stalinismo e o Maoísmo, entre outros, constituiriam variedades do Fascismo (e, por implicação, do Nacionalismo).

No caso da Rússia, a ideologia manifestamente russófila desenvolvida desde a dissolução da União Soviética pelo presidente da CPRF, Gennadii Ziuganov, representa apenas o exemplo mais impressionante e, de certa forma, a conclusão lógica das transformações graduais do início do Marxismo russo em uma forma de Nacionalismo populista. A principal diferença entre o russocentrismo stalinista e o ziuganovita não é que o primeiro não foi nacionalista enquanto o último agora o é, mas que os comunistas pós-soviéticos são menos dependentes das raízes ideológicas do seu movimento e

poderiam incorporar livremente em seus "clássicos" diversos teóricos de direita, como o russo Ivan Il'in (um monarquista) e Lev Gumilev (um neoracista), ou o alemão Oswald Spengler (um "conservador revolucionário") e Karl Haushofer (cofundador da geopolítica moderna). Várias políticas de Stalin podem ser vistas como mais ou menos congruentes com as ideias desses pensadores que escreveram nos anos do entre ou do pós-guerra.

No entanto, teria sido difícil para Stalin ou seus sucessores incluir oficialmente autores como esses no panteão dos autores oficialmente aprovados - algo que Ziuganov se tornou livre para fazer, ainda na década de 1990. A liderança soviética tinha que manter sua linha oficial "marxista-leninista" e pagar constante tributo aos "clássicos" comunistas a fim de manter a legitimidade histórica do regime e o fundamento normativo do império soviético intactos. Em contraste, os comunistas pós-soviéticos não têm mais a necessidade de tal cautela: bom, de qualquer forma, o "comunismo científico" foi completamente desacreditado.

A indisfarçável adaptação da CPRF de conhecidos autores de direita tem sido uma inovação, principalmente em termos de semântica e aparência exterior, e menos em questões de substância. Os elementos fundamentais da ideologia "comunista" russa pós-soviética eram, de forma codificada, já discerníveis sob Stalin: a teoria do cordão da história russa (que coloca a União Soviética como sucessora do império czarista), a narrativa bipartidária sobre a ascensão do movimento comunista russo (consistindo de um "bom" partido bolchevique nacional e um outro partido "mau", o partido cosmopolita, muitas vezes apontado como judeu), ou ainda a suposta afinidade especial do caráter nacional russo para com o Socialismo. Apesar de algumas diferenças na superfície, o Stalinismo e Ziuganovismo parecem intimamente relacionados nesses e em alguns outros aspectos. Pode-se até argumentar que há certos paralelos no interesse de Stalin em uma aliança com a Alemanha nazista e a Itália fascista, no final dos anos 1930, e a ânsia bem documentada de Ziuganov em cooperar ou até mesmo fundir-se com o Nacionalismo russo pós-soviético "branco" - isto é, explicitamente anticomunista.

O exemplo do CPRF e Ziuganov indica que o problema da descontinuidade não é tão grave como pode parecer a partir do exterior. Assim, Putin também pode apresentar facilmente a Federação Russa como um herdeiro tanto do Império czarista quanto da

União Soviética. Portanto, não há problemas com a história da Crimeia. A única contradição emergente é: se a Crimeia pode ser trazida de volta com referência tanto à história soviética quanto à czarista, por que muitos outros territórios fora da Federação Russa não podem também ser anexados usando referências históricas semelhantes?

Qual o impacto do eurasianismo de Aleksandr Dugin na política externa russa? Existe alguma influência da relação de A. Dugin e V. Putin para as políticas antiliberais (antigays, especialmente) ou isso decorre de um quadro ainda mais complexo?

Nós não sabemos de qualquer influência direta de Dugin em Putin. A União Econômica da Eurásia, criada por Putin, tem pouco ou nada a ver com qualquer Eurasianismo clássico ou com o Neo-eurasianismo de Dugin. Ao contrário de Putin, Dugin defende a criação de um novo império, em vez da restauração do antigo. A "Eurasia", como previsto por Dugin, não iria restaurar a Rússia czarista ou continuar a União Soviética. Apesar de posar como um autodescrito "conservador", Dugin não propaga a conservação ou o restabelecimento de uma ordem anterior. Pelo contrário, o seu programa prevê uma nova e completa revolução russa, tanto em assuntos internos quanto externos, o que implica de forma implícita e, às vezes, explícita em uma profunda negação tanto do passado quanto do presente da Rússia.

A abordagem nutrida por Dugin e seus discípulos é semelhante aos objetivos fascistas clássicos do período entre-guerras. Seu objetivo não é tanto um renascimento nacional, implicando meramente em um retorno a um estado anterior, como Putin & Cia. almejam. Em vez disso, Dugin prevê uma nação russa profundamente transformada, renascida através da criação de uma civilização e um império russo-eurasianos completamente novos. A nova "superetnia" (um termo de Lev Gumilev) de Dugin, limpa de todas as influências "ocidentais", seria baseada em valores presumivelmente arcaicos da Rússia-Eurásia. No entanto, sua nova civilização eurásiana acabaria por gerar um projeto ultramoderno - se radicalmente antiocidental -, um projeto capaz de ligar o futuro glorioso da Eurásia com os "melhores" episódios de seu passado. Para realizar esse

sonho, os discípulos de Dugin visam reorganizar não só a Rússia, mas todo o continente euroasiático e, finalmente, o mundo inteiro.

As elites tradicionais russas que são atualmente dominantes e que são representadas por Putin também não são democratas. Os mais extremistas entre esses políticos e intelectuais são também, de várias maneiras, nacionalistas imperiais radicais. No entanto, uma vez que eles são orientados para o passado ao invés de para o futuro, eles não devem ser chamados de revolucionários ultranacionalistas, isto é, fascistas.

Durante os últimos 25 anos, os muitos escritos de Dugin têm ajudado a guiar o discurso político e intelectual na Rússia para a direita radical. No entanto, as afirmações de que ele é "o cérebro de Putin" são muito exageradas. Ele é um entre vários publicitários antiocidentais bem-sucedidos que adquiriram algum tipo de hegemonia cultural na Rússia de Putin. Alguns deles são organizados no notório Clube Izborsk^{xxxiii}.

Professor Umland, muito obrigado pela gentileza em nos atender e por essa entrevista.

Referências:

- BROWN, Archie. *The Gorbachev Factor*. Oxford: Oxford Uni. Press, 1996.
- _____. *The Rise and Fall of Communism*. London: Vintage, 2010.
- BRUDNY, Yitzahk. *Reinventing Russia – Russian Nationalism and the Soviet State (1953-1991)*. Cambridge: Harvard Uni. Press, 1998.
- COHEN, Stephen. *Rethinking the Soviet Experience: Politics and History since 1917*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- _____. *Soviet Fates and Lost Alternatives: From Stalinism to the New Cold War*. New York: Columbia University Press, 2011.
- DUNLOP, John. B. *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire*. Princeton: Princeton Uni. Press, 1995.
- GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Routledge, 1993.
- _____. *A Fascist Century*. London: Palgrave, 2008.
- HAMMER, Darrell P. *URSS – The Politics of Oligarchy*. Sta. Barbara: Praeger, 1974.
- LAQUEUR, Walter. *Black Hundred – the Rise of the Extreme Right in Russia*. New York: Harpercollins, 1993.
- _____. *Putinism: Russia and its Future with the West*. New York: Thomas Dunne, 2015.

- LARUELLE, Marlène. *Russian Nationalism, Foreign Policy and Identity Debates in Putin's Russia: New Ideological Patterns after the Orange Revolution*. Stuttgart: **ibidem**, 2012a.
- _____. *Russian Eurasianism – An Ideology of Empire*. Baltimore: John Hopkins Uni. Press, 2012b.
- LIKHACHEV, Viacheslav, et al. *The Euro-Asian Jewish Yearbook*. Kiev: Dukhi Litera, 2004.
- LUKS, Leonid. *Entstehung der kommunistischen Faschismustheorie*. Stuttgart: DVA, 1985.
- MINKENBERG, Michael. *The Radical Right in Europe – An Overview*. Gütesloh: Bertelmann, 2008.
- MITROKHIN, Nicolay. *Russkaja partija. Dvizenie russkich nacionalistov v SSSR.1953-1985*. Moscou: Hoboe, 2003.
- PARLAND, Thomas. *The Extreme Nationalist Threat in Russia*. Oxford: Routledge, 2004.
- PRAVDA, Alex (ed.). *Leading Russia – Putin in Perspective*. Oxford: Oxford Uni. Press, 2005.
- PRIBILOVSKI, Vladimir; FELSHTINSKI, Yuri. *A Era dos Assassinos — A Nova KGB e o Fenômeno Vladimir Putin*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- RIASANOVSKY, Nicholas. *Russian Identities – A Historical Survey*. Oxford: Oxford Uni. Press, 2005.
- SHUKMAN, Harold. *Rasputin*. Stroud: Sutton, 1997.
- _____. *Stalin*. Stroud: Sutton, 1999.
- SNYDER, Timothy. *Bloodlands – Europe between Hitler and Stalin*. New York: Basic Books, 2010.
- SOLOVEI, Valerii; URBAN, Joan. *Russia's Communists at the Crossroads*. Boulder: Westview, 1997.
- TUCKER, Robert. *The Soviet Political Mind: Stalinism and Post-Stalin Change*. New York: Norton, 1963.
- _____. *Stalinism: Essays in Historical Interpretation*. New York: Norton, 1977.
- ULAM, Adam. *Bolsheviks – Intellectual and Political History of the Triumph of Communism in Russia*. Cambridge: Harvard University Press, 1965.
- _____. *Stalin – the man and his Era*. New York: Viking, 1973.
- UMLAND, Andreas. *Vladimir Zhirinovskii in Russian Politics – Three Approaches to the Emergence of the Liberal-Democratic Party of Russia 1990-1993*. Tese de Doutorado (Dr. phil.) em História. Berlim: Freie Universität Berlin, 1997.
- _____. *Post-Soviet Uncivil Society and the Rise of Alexandr Dugin: A Case Study of the Extraparliamentary Radical Right in Contemporary Russia*. Tese de Doutorado em Ciência Política. Cambridge: University of Cambridge, 2007.

VERKHOVSKII, Alexandr. [Rossiiia - ne Ukraina: Sovremennye Aktsenty Natsionalizma. Moscou: Sova, 2014.](#)

WALICKI, Andrzej. *A History of Russian Thought from the Enlightenment to Marxism*. Palo Alto: Stanford Uni. Press, 1979.

WIPPERMANN, Wolfgang. *Faschismus – Eine Weltgeschichte vom 19. Jahrhundert bis heute*. Darmstadt: Primus, 2009a.

_____. *Dämonisierung durch Vergleich – DDR und Drittes Reich*. Berlin: Rotbuch, 2009b.

YANOV, Alexander. *The Russian New Right: right-wing ideologies in the contemporary URSS*. Berkeley: Institute of International Studies, University of California, 1978.

_____. *The Russian Challenge and the Year 2000*. Oxford: Blackwell, 1987.

_____. *Weimar Russia and what we can do about it*. New York: Slovo Word, 1995.

Notas:

i

Disponível em: <<https://ieac.academia.edu/AndreasUmland>>.

ii N.T.: Adam Ulam, historiador e cientista político nascido na Polônia e naturalizado estadunidense. Autor, entre outros, de *Stalin – the man and his Era* (1973) e *Bolsheviks – Intellectual and Political History of the Triumph of Communism in Russia* (1965).

iii N.T.: Robert Tucker, historiador e cientista político estadunidense, autor de *The Soviet Political Mind: Stalinism and Post-Stalin Change* (1963) e *Stalinism: Essays in Historical Interpretation* (1977).

iv N.T.: Stephen Cohen, pesquisador norte-americano dedicado ao estudo da civilização russa. Autor de *Soviet Fates and Lost Alternatives: From Stalinism to the New Cold War* (2011) e de *Rethinking the Soviet Experience: Politics and History since 1917* (1985).

v N.T.: John B. Dunlop, pesquisador sênior do Instituto Hoover, da Universidade de Stanford, especialista na história da União Soviética e da Rússia pós-queda. É autor, entre outros, de *The Rise of Russia and the Fall of the Soviet Empire* (1995).

vi N. T.: Walter Laqueur, historiador e comentarista político, especialista na história da União Soviética, da Alemanha e do Sionismo. Autor, entre outros, de *Black Hundred* (1993) e *Putinism* (2015).

vii N.T.: Andrzej Walicki, historiador das ideias, especializado nas filosofias russa e polonesa, foi professor da Universidade de Notre Dame. Autor, entre outros, de *A History of Russian Thought from the Enlightenment to Marxism* (1979).

viii N.T.: Nichlolas Riasanovsky, historiador e professor da Universidade da Califórnia – Berkeley, especialista na história russa. Autor, entre outros, de *Russian Identities* (2005).

ix N.T.: Darrell Hammer, politólogo especialista na história da União Soviética, foi professor da Universidade de Indiana. Entre suas obras, destaca-se *URSS: The Politics of Oligarchy* (1974).

x N.T.: Yitzahk Brudny, Cientista Político e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, autor, entre outros, de *Reinventing Russia* (1998).

xi N.T.: Thomas Parland, cientista social finlandês que se dedicou ao estudo das origens intelectuais da nova direita russa no período da URSS. Entre suas obras, destaca-se *The Extreme Nationalist Threat in Russia* (2004).

xii N.T.: Historiador, jornalista e politólogo, conhecido crítico de Putin e seu governo, escreveu, entre outros, junto de Yuri Felshtinsky, *A Era dos Assassinos* (2013).

xiii N.T.: Historiador e professor da Universidade de Moscou, autor, com Joan Urban, de *Russia's Communists at the Crossroads* (1997).

- xiv N.T.: Matemático, jornalista e analista político russo, autor, entre outros, de [Rossiia - ne Ukraina: Sovremennye Aktsenty Natsionalizma \(2014\)](#).
- xv N.T.: Historiador, politólogo e publicista, escrevendo sobre temas como extrema-direita e antisemitismo, trabalhando ativamente junto ao *Euro-Asian Jewish Congress*. Organizador do *The Euro-Asian Jewish Yearbook*.
- xvi N.T.: Historiador, membro da Academia Russa de Ciências, de Moscou, onde é pesquisador sênior e chefe de pesquisas do Departamento de Análises de Processos Sócio-Políticos, Instituto de Sociologia.
- xvii N.T.: Historiador e politólogo, pesquisador do Centro de Pesquisas em Estudos da Europa Oriental da Universidade de Bremen. É autor, entre outros, de *Russkaja partija. Dvizenie russkich nacionalistov v SSSR.1953-1985* (2003).
- xviii N.T.: Ativista pelos direitos humanos e contra o racismo, produziu, junto ao Centro de Informação e Análises SOVA uma série de estudos e relatórios, intitulados *Radical Nationalism in Russia, and Efforts to Counteract It*.
- xix N.T.: Historiador, titular da cadeira de Estudos Contemporâneos da Europa Central e Oriental na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt. Entre suas publicações, destaca-se *Entstehung der kommunistischen Faschismustheorie* (1993).
- xx N.T.: Historiadora, socióloga e politóloga, especialista na sociedade russa pós-soviética e autora, entre outros, de *Russian Eurasianism – An Ideology of Empire* e *Russian Nationalism* (2012b), *Foreign Policy and Identity Debates in Putin's Russia* (2012a).
- xxi N.T.: Historiador e filósofo político, Griffin é reconhecido como um dos principais estudiosos do Fascismo na atualidade. Professor em Oxford Brookes, é autor de *A Fascist Century* (2008) e *The Nature of Fascism* (1993).
- xxii N.T.: Historiador e politólogo, foi professor da Universidade de Oxford ligado ao Centro Saint Antony de Estudos Russos e do Leste Europeu. É autor, entre outros, de *The Gorbachev Factor* (1996) e de *The Rise and Fall of Communism* (2010).
- xxiii N.T.: Alex Pravda, pesquisador sênior do Centro de Estudos Russos e do Leste Europeu (Oxford) e editor de *Leading Russia – Putin in Perspective* (2005).
- xxiv N.T.: Harold Shukman, historiador inglês especializado na história da Rússia, foi autor, entre outros, das biografias de *Stalin* (1999) e de *Rasputin* (1997).
- xxv N.T.: Wolfgang Wippermann, historiador alemão ligado ao Instituto de História Friedrich-Meinecke, da Universidade Livre de Berlim, é autor, entre outros, de *Faschismus – Eine Weltgeschichte vom 19. Jahrhundert bis heute* (2009) e *Dämonisierung durch Vergleich – DDR und Drittes Reich* (2009).
- xxvi N.T.: Michael Minkenberg, politólogo e professor no Departamento de Ciência Política da Universidade Viadrina (Frankfurt am Oder). É autor, entre outros, de *The Radical Right in Europe: Na Overview* (2008).
- xxvii Disponível em: <
https://www.academia.edu/7520397/Vladimir_Zhirinovskii_in_Russian_Politics_Three_Approaches_to_the_Emergence_of_the_Liberal-Democratic_Party_of_Russia_1990-1993_Dr._Phil._in_History_Free_University_of_Berlin_1997_>.
- xxviii Disponível em: <
https://www.academia.edu/2635113/Post-Soviet_Uncivil_Society_and_the_Rise_of_Aleksandr_Dugin_A_Case_Study_of_the_Extraparliamentary_Radical_Right_in_Contemporary_Russia_Ph.D_in_Politics_University_of_Cambridge_2007_>.
- xxix Ver: < <http://evrazia.org/search.php?query=%D3%EC%EB%E0%ED%E4&x=4&y=3> >.
- xxx Ver: < <http://evrazia.org/article/368> >.
- xxxi Ver: < <http://zavtra.ru/content/view/pedofil-li-doktor-umland/> >
- xxxii TISHINSKII, Georgii. Pedofil li doktor Umland? Razmyshleniia o metafizicheskoi pedofilii. In: *Zavtra*. 12 mai. 2015.
- xxxiii *Think tank* fundado em 2012 pelo jornalista Alexander Prochanow com vistas à conservação de um patriotismo e um nacionalismo russos em meio às teorias eurásianas.